

Suplemento Cultural

Dante Alighieri

GUIMARÃES ROCHA

Escritor italiano, um dos poetas de grande gênio no Ocidente, Dante Alighieri nasceu em Florença, em 1265 (possivelmente em maio). Filho de Alighiero e “Bela”, de famílias pertencentes à antiga nobreza. Tornou-se órfão de mãe antes de completar seis anos, e de pai, aos doze.

Pouco se sabe sobre a vida de Dante, e a maior parte das informações sobre sua educação, família e opiniões são, geralmente, meras suposições. Estudou as artes liberais. Cultivou a música, o desenho, o canto e a dança. Exercitou-se nas armas e na cavalaria, praticando a equitação, a caça e o uso do arco.

Em sua formação educacional familiar, entrou em contato com os clássicos da literatura cristã. Sob a orientação de Brunetto Latini – um famoso poeta que escrevia em italiano (e não em latim, como era comum entre os nobres) – foi iniciado nas leituras de Estácio, Ovídio e Virgílio (clássico da antiguidade).

Destacou-se como poeta, na sociedade florentina, já aos 18 anos. Na mesma época passou a alimentar o amor por Beatriz, que pela vida lhe foi musa inspiradora. Esse amor é tido não propriamente como uma história externa, mas sim um sentimento que se alimenta de si mesmo na busca espiritual.

Aos 30 anos iniciou-se na atividade política. Casou-se com Gemma Donati, membro de família politicamente importante. Dessa mulher teve três filhos: Pietro, Jacopo e Antonia. Em Vida Nova

“

Destacou-se como poeta, na sociedade florentina, já aos 18 anos. Na mesma época passou a alimentar o amor por Beatriz, que pela vida lhe foi musa inspiradora.”

Dante fala de seu amor platônico por Beatriz (provavelmente Beatrice Portinari), que encontrara pela primeira vez quando ambos tinham nove anos e que só voltaria a ver nove anos mais tarde, em 1283. Naqueles tempos, o casamento era motivo principalmente por alianças políticas entre famílias. Desde os 12 anos, Dante já sabia que deveria se casar com uma moça da família Donati. A própria Beatriz casou-se em 1287 com o banqueiro Simone dei Bardi.

Em 1290, Beatriz morreu repentinamente deixando o poeta inconsolável.



POR SANDRO BOTTICELLI

Dante Alighieri – autor de “A Divina Comédia”.

Esse acontecimento teria provocado uma mudança radical na vida de Alighieri, levando-o a iniciar estudos intensivos das obras filosóficas de Aristóteles e a dedicar-se à arte poética.

A Itália estava dividida entre o poder do papa e o poder do Império Romano. Nas cidades era comum haver disputas de poder entre grupos opostos, o que frequentemente levava a sangrentas guerras civis. Florença era, na época, uma das mais importantes cidades da Europa, igual em tamanho e importância a Paris, com uma população de mais de 100 mil habitantes e interesses financeiros e comerciais que incluíam todo o continente.

Os priores de Florença (entre eles Dante) viviam em constante atrito com a igreja de Roma que, sob o governo do papa Bonifácio VIII, pretendia colocar toda a Itália sob a ditadura da igreja. Por repudiar a interferência pontifícia na política florentina, e havendo demonstrado isso abertamente, atraindo desvanturas e sucessivas perseguições. Em 1302 foi condenado ao exílio e cassação perpétua dos direitos civis. Desterrado, peregrinou pela Europa.

O ápice de sua obra literária foi “a Divina Comédia”, construída durante 14 anos. Dante Alighieri, já com 56 anos, em 1316 refugiou-se em Ravena, na casa de um amigo (Guido Novello della Polenta). Dalí não mais se afastou. Entre 13 e 14 de setembro de 1321, logo após encerrar o seu grande projeto poético, morreu silenciosamente.

O menino de asas

LUCILENE MACHADO

Conheci o homem pássaro quando eu tinha nove anos. Foi por meio de um livro, não muito conhecido, que instigou todos os meus sentidos de menina que andava de pés no chão. Chamava-se O menino de asas. Foi o primeiro livro “sem figuras” que li. Um marco no histórico de leituras de uma criança. Aquela procissão de palavras desfilando lentamente em preto e branco pareceu-me entediante. Não recorde a primeira frase, recorde-me, todavia, do contorcionismo mental que desenvolvi para desvendá-la. Percebi, logo nas páginas iniciais, que as figuras existiam, mas eu é que deveria contorná-las. Estavam subliminares ao texto, presas a algum tipo de código oculto revelado a cada leitor por formas muito diferenciadas. Fui logo instituindo o meu jeito particular de ver. Um jeito só meu. Atrevidamente meu. Vi o infinito com cores

muito diferentes das que ilustravam os livros habituais. O céu poderia ser cor-de-rosa, a terra azul... e o mar poderia engolir o sol quando ele encostasse sua barriga vermelha no horizonte. Claro que fui influenciada pelo protagonista do livro que me emprestou suas asas para que eu pudesse ver o mundo por um prisma muito superior. Li a obra inúmeras vezes. Aprendi a entrar pela boca escancarada da noite e contar estrelas com as pontas dos dedos. Meus sonhos ficaram mais perto de Deus com a ajuda de umas asas que sequer me pertenciam. Cresci, o menino também, transformou-se num homem cuja vocação primordial ainda é voar.

Sempre julguei que voar é um exercício de beleza pouco compreensível à maioria (como é qualquer espécie de beleza). Conhecer as rotas invisíveis, as linhas que cortam o céu com suas cores retorcidas é de uma concretude e de uma subjetividade surpreendentes. Tudo é

surpreendente para quem tem asas. Os traçados, as cores, as formas. A verdade voando nas coreografias sagradas abençoadas pelo céu e a solidão dando espetáculo em nuances nunca vistas da terra.

O forasteiro voador necessitava de novas leituras para seguir alimentando sua ficção. O lado humano esguichava seu fastio imemorial. Precisava produzir outros enredos nas páginas inquietas do livro.

Foi assim que em uma noite de meia idade o homem pássaro me reencontrou. Eu era uma linha sinuosa despreendida das demais. Um rio caudaloso cujas águas ele quis beber toda de uma vez. Um rio inteiro em sua boca cheia de línguas, cheia de sede, cheia de desejos. Eu pensava que aquela fúria já havia sido domesticada, a imaginação disciplinada e um romantismo manso seria a máxima condição que eu teria de administrar. Mas que nada, as forças primárias seguiam se compenetrando. Ar

e água. Voltei a examinar cada centímetro de suas asas. Frente e verso. Ossos e juntas. Esticava o olhar aqui e ali, em vários ângulos, como uma criança que faz da vida uma ficção. A morte é só uma catarse. A vida seguia fazendo curvas embaixo do meu traveseiro com sua linguagem atrofiada, inteligível, perdendo-se na placidez do escuro. Pois no escuro não se pode tatear as palavras.

Devo dizer que, a mímica vermelha do coração abriu seu paraquedas de dor. A minha consciência nua de gente crescida disse que eu deveria saltar. Para que inventar sorrisos e estrelas? Foi apenas uma imprudência reler o livro empoeirado que traz em suas linhas o fardo pesado de dias e anos. A frustração apareceu carregada de insônia deitando seus olhos compridos sobre uma história que já estava resolvida. Não há nada seguro na literatura. Nem mesmo nos livros infantojuvenis.

A revolta do Chá

ARASSUAY GOMES DE CASTRO

Em 1607, a emigração inglesa com destino à América do Norte deu origem à formação de colônias que, no ano de 1732, já eram em número de treze. Com a guerra da independência que se estendeu de 1775 a 1783, essas colônias vieram a se constituir num país, com o nome de Estados Unidos da América. Entre as causas que concorreram para a guerra da independência americana figuram o abandono em que viviam as colônias inglesas na América e a abusiva cobrança de impostos e taxas pela metrópole. Apesar de relegadas a um segundo plano, a importância econômica das colônias aumentava consideravelmente, a ponto de, após a guerra entre a França e a Inglaterra, esta anexar às suas possessões americanas o Canadá e todas as terras situadas ao oeste das antigas treze colônias. Após o conflito com a França, encontrando-se a Inglaterra em difícil situação financeira, decidiu exigir de suas colônias a limitação, uma série de medidas antipáticas de caráter econômico, tais como a limitação comercial de artigos exclusivos com a metrópole, o regulamento do comércio do açúcar, do tabaco e do chá, estabelecendo e criando uma série de taxas a serem pagas pelos colonos americanos, para cobrir as despesas provocadas pela guerra.

No ano de 1767, um decreto novo emanado pela metrópole veio tornar ainda mais tensas as relações entre a Inglaterra e suas colônias. Este decreto criava impostos sobre o chá, o papel, o

chumbo e o vidro importados antes livremente de tributos e o montante arrecadado se destinava ao pagamento dos funcionários britânicos das colônias. Foi o caos. Os comerciantes se recusavam a importar as mercadorias inglesas e o povo das colônias de Massachusetts se levantou contra a abusiva medida. Em 5 de março de 1770 ocorreu o chamado massacre de Boston. Dois regimentos ingleses, que haviam sido enviados para conter os radicais daquela cidade, entraram em choque com o povo, matando e ferindo uma quantidade enorme de pessoas. Após três anos de relativa paz, foi votado, no ano de 1773, o Tratado do Chá, com o objetivo de ajudar uma companhia inglesa sediada na Índia a vender sua safra excedente de chá, nas colônias da América. Além do elevado preço do produto, os compradores ainda teriam que pagar impostos e o lucro obtido seria remetido para aquela companhia. A revolta teve início imediatamente. Os navios que traziam chá, ou não eram descarregados, ou então eram forçados a retornar aos portos de origem.

Novamente, na cidade de Boston, os acontecimentos assumiram caráter mais grave. No dia 16 de dezembro de 1773, vários colonos, disfarçados de índios, atacaram um navio ancorado no porto e derramaram todo o carregamento de chá no mar. A Inglaterra viu-se, então, frente à alternativa de voltar atrás ou adotar severas medidas de repressão. Decidida por estas, determinou o fechamento do porto, até que o povo pagasse o valor da mercadoria que tinha sido lançada ao mar.

UMA HOMENAGEM AOS PAIS

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

PAI! Continuador, na terra, da obra criadora do nosso Pai Celeste, o Patrão da Querência Eterna.

PAI! Quantas lutas ocultas, quantos sacrifícios escondidos! Quem sabe, quantas lágrimas derramadas no silêncio do teu coração!

Homem não chora. Mas tu choraste. Sim, pai, quantas vezes choraste sem que alguém soubesse.

Choraste pela pobreza da tua família passando fome, a tua esposa e teus filhos pequeninos, piáritos sem um pedaço de pão na mesa e tu, desempregado.

Choraste pelo filho que se perdeu nas drogas ou na bebida. Choraste pelo filho atrás das grades de uma prisão.

Choraste pela filha, que uma paixão tresloucada levou embora, talvez, para ser infeliz para sempre.

PAI! Tu que tens consciência de que és um homem de bem, um trabalhador.... Mas que a sorte, a desigualdade social e a crise de fraternidade te desamparam.

PAI! Choraste e choras, vendo a riqueza e o poder concentrados na mão de alguns, enquanto a pobreza e a miséria rondam os barracos, os ranchos, os tugúrios dos mais humildes, sem voz e sem vez.

PAI! Certamente choraste, ainda choras, sabendo da roubalheira impune que faz faltar um prato de comida na mesa simples do povo.

PAI! Nós te prestamos esta homenagem e choramos contigo, pedindo ao Pai Eterno que te dê a consolação da coragem e da esperança, porque foste um chiru guapo, que nunca te entregaste na peleia da vida. Amém.

POESIAS

REDENÇÃO

*Vem aqui redimir-te. A Terra é um halo
Purificando espírito sem conto.
Aqui medra um ou outro mundo. E a contemplá-lo
O homem, não sendo forte, oscila tonto.*

*Já nem quero observar, ponto por ponto,
As inteligências todas deste embalo.
Triste é existir. Mais triste é este confronto
Que se permite entre o milênio e um estalo.*

*No mundo há tanta luz e tanta treva
Que, muitas vezes, o homem perde o sono
Entre o riso que humilha e a dor que eleva.*

*Passarás pela vida (que ironia!),
Ou como sol brilhando em céu de outono,
Ou como a treva em noite de inverno.*

ALTEVIR ALENCAR

AMOR MATERNO

*O mais sublime de todos os amores,
O amor de mãe é o que tem mais graças,
Num misto de alegria e de dores,
Sem preconceito ou distinção de raças.*

*Amor sonho, amor puro, amor divino,
E que tem seu princípio em tenra idade,
Com as cândidas bonecas... eterno hino...*

*Que depois vem a se tornar realidade.
Amor moldado no cadinho santo
De dois corações; a um só compasso,
Nove meses de espera e um mesmo canto,*

*A mesma angustiante e doce melodia
De um desfecho feliz ou de um fracasso.*

*Contam-se os meses, dias e minutos
Nesse mago sofrer de apreensões,
De alegrias, de dores, sofrimento...
À espera do fruto sacrossanto,
Quando à luz se fizer no divinal momento.*

JÚLIO GUIMARÃES